

PRIMEIRA LINHA UMA DÉCADA DE BITCOIN



Em 2017 atingiu o pico da cotação, perto dos 16 mil euros. Hoje vale mais de 8.000, mas há quem antecipa a sua subida futura.

Bitcoin: a onda gigante ainda está por apanhar

Desde a sua apresentação, em outubro de 2008, o valor da bitcoin já subiu para quase 16 mil euros. Apesar do entusiasmo que a rodeia, tarda em afirmar-se como uma alternativa às moedas tradicionais. Analistas dizem que este ainda é só o início da viagem.

GONÇALO ALMEIDA

goncaloalmeida@negocios.pt

As dores de crescimento da criptomoeda estão lá. A volatilidade da bitcoin, que na sexta-feira passada valorizou quase 18% em apenas alguns minutos e anulou de imediato as perdas do mês, é vista como um entrave para mui-

tos investidores. Esta volatilidade é "normal em ativos com um mercado ainda relativamente pequeno", diz Tiago Cardoso, analista da Infinox.

Eduardo Silva, diretor da corretora XTB, considera que "no curto prazo a volatilidade faz com que este ativo seja arriscado, mas continua a ser um ativo com potencial real para o longo prazo".

A história da bitcoin mostra-nos que tão depressa atinge novos máximos, como de seguida desvaloriza de forma agressiva. Em 2013 a criptomoeda disparou

quase 800% para os 850 euros por unidade. Mas no final do ano seguinte caiu para os 271 euros. O mesmo se verificou em 2017, ano em que valorizou 1.400% para o seu máximo histórico de 15.940,30 euros. Um ano depois valia 2.821 euros.

"Há quem diga que a bitcoin vive numa bolha" que pode reventar quando menos se espera, refere Tiago Cardoso, acreditando que, "após uma consolidação do mercado, exista uma subida de preço, impulsionada por investidores mais consciencializados".

Há ainda outra razão. O criador da bitcoin impôs um número limite de circulação: 21 milhões de unidades. Atualmente existem 18 milhões, o que significa que na sua primeira década 80% do total foi posto em circulação. Mas a última bitcoin só chegará ao mercado em 2140, porque "de quatro em quatro anos, o número de bitcoins gerado por bloco é reduzido em 50%", explicou ao Negócios, Eduardo Silva.

Significa isto que a oferta vai começar a diminuir cada vez mais, e se as leis do mercado levarem o

seu curso normal, o preço pode vir mesmo a "encontrar um novo máximo histórico", acrescenta o diretor da XTB.

A bitcoin enquanto refúgio

À imagem do ouro, por exemplo, poderá a bitcoin ser considerada um ativo de refúgio? O analista Eduardo Silva acredita que sim: "A bitcoin pode ser um ativo que os investidores procuram quando o mercado está mais incerto", refere Eduardo Silva.

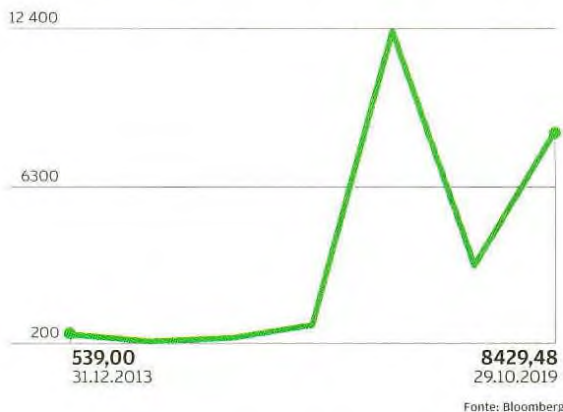
Acrescenta que "nos últimos anos temos assistido a um aumen-



BITCOIN DISPAROU MAIS DE 160% EM 2019

Evolução anual da cotação da bitcoin em euros desde 2013 (dados disponíveis na Bloomberg)

Depois da euforia de 2017, a bitcoin voltou a valorizar durante 2019. Apesar de um início de ano contido, desde abril que o valor de cada unidade tem vindo a subir.



15.940 8.408

MÁXIMO HISTÓRICO

Em dezembro de 2017 a bitcoin conheceu o seu máximo histórico nos 15.940 euros por unidade.

COTAÇÃO ATUAL

À data de ontem, no fecho desta edição, cada bitcoin valia 8.408 euros.

to da correlação com o aumento da incerteza a nível mundial".

Atualmente, num clima de incerteza global, a bitcoin tem vindo a valorizar e à data de ontem valia 8.408 euros.

Uma moeda que tarda em afirmar-se

O objetivo principal do criador da bitcoin era fazer desta criptomoeda uma alternativa às moedas tradicionais para ser usada nas compras do dia a dia. Até hoje esse objetivo ainda não foi totalmente concretizado, mas "não podemos dizer que falhou, apenas podemos referir que estamos numa fase embrionária", refere o diretor da XTB.

"Na realidade hoje é possível fazer quase tudo com bitcoin, desde comprar uma casa até viajar. O que não é possível é fazer isso em todas as lojas", acrescentou.

Há várias empresas que aceitam pagamento em bitcoin, como a Microsoft, a Wikipedia, a Phone House ou o Benfica. E já é possível obter um cartão de débito em que se pode escolher a criptomoeda a usar para pagamento, como o da Coinbase. Em

breve, também a Uphold, outra plataforma de "trading", lançará o seu cartão.

"Este processo faz parte da evolução das gerações", diz Tiago Cardoso, concluindo que "a forma como tratamos o nosso dinheiro e as transações também vai evoluir".

A terceira entidade entra em cena

Apesar da bitcoin ter sido criada como uma moeda livre de intermediários, atualmente existem muitas plataformas de "trading" que visam facilitar as transações e conversões de moedas.

Para Rui Silva, ou "Penso" como é conhecido, vice-presidente da Uphold, a sua existência "ainda gera alguma controvérsia entre os utilizadores fanáticos da visão inicial de Nakamoto de um mercado descentralizado".

Apesar disso "mais de 70% das transações ocorrem" nas plataformas, por ser a forma mais prática de o fazer, acrescentou. Para Rui Silva, "a bitcoin não só se tornará uma alternativa às moedas fiduciárias, como já o é" em muitas situações. ■

Investir ou desistir, até onde a conta da luz deixar

O Negócios falou com três portugueses que investem ou já investiram em bitcoins. Um fervoroso investidor, outro que abandonou o barco e um último está só a ver até onde "isto vai".

Rui Magalhães, de 42 anos, é informático de formação e ligado a negócios online e a projetos que lhe permitam "ganhar dinheiro extra de forma simples". Conheceu a bitcoin em 2013 e desde então investe. Largou o antigo emprego, enquanto programador, vendeu uma empresa que tinha no ramo da educação, e dedicou-se ao empreendedorismo digital. Hoje, tem um canal no YouTube sobre criptomoedas e dá palestras e formações sobre o assunto.

Desde que investe, o momento mais entusiasmante que viveu foi "o período em que [a bitcoin] atingiu o pico, em dezembro de 2017". Aquele que considera ter sido "o culminar de uma era, que estava a crescer de forma muito lenta, até então, explodiu em três meses".

"Nessa altura tentei perceber a tendência do mercado, porque o preço da bitcoin não podia continuar a escalar daquela forma. Tinha de rebaratar, algum dia", diz o investidor ao Negócios, acrescentando que "muitas pessoas entraram nessa altura, que era a pior. Quiseram entrar nesta onda, mas a onda já ia alta demais".

A volatilidade da moeda não o assusta. Pelo contrário: "Esta adrenalina dá-me gozo", afirma. "O que é preciso é não me deixar levar pelo entusiasmo e saber quando tenho de vender ou comprar. É como se fosse um jogo".

O investidor de Guimarães olha para o futuro da criptomoeda com muito entusiasmo: "Acredito que a bitcoin vai superar, e muito, o valor de 2017. Acho até que é bem capaz de chegar aos 100 mil ou 200 mil euros por unidade", conclui.

Se, por um lado, Rui Magalhães assume uma atitude de entusiasmo, por outro, António Vi-

laça Pacheco, de 41 anos, autor do livro "Bitcoin - Tudo o que precisa de saber sobre o mundo das criptomoedas", está mais contido. "Uma coisa é investir em bitcoins, outra coisa é ter. Eu tenho bitcoins desde 2015, mas não sou um investidor", assume. "Estou neste ramo para avaliar quanto esta moeda pode ser disruptiva do ponto de vista social e ver até onde ela pode ir."

Mesmo quando o valor máximo de quase 16 mil euros foi atingido, António Pacheco confessa que não vendeu qualquer bitcoin. Considera-se mais um observador neste ramo, que gos-

ta deste tipo de fenómenos e está curioso para ver até que patamar vai chegar. "Aquilo que aconteceu no final de 2017 não foi um pico, foi um momento. Um momento que se vai repetir, com muito mais força", acredita.

Uma das formas de estar neste mercado é minar bitcoins, ou seja, gerar moedas ou gerar transferência, um processo que requer um computador especial e um aumento "gigante" na conta da luz.

E foi precisamente esta razão que levou Pedro Cunha, de 45 anos, com formação em arquitetura, a abandonar o barco.

"Desliguei-me das criptomoedas e deixei de investir e de minar, por motivos de saúde - chegava a ter despertadores que tocavam à noite quando a moeda atingisse um determinado valor - e devido ao gasto brutal de energia para gerar moedas. Se queremos proteger o planeta, não pode ser a fazer isto", afirma.

O antigo investidor admite que esta é a forma mais transparente e democrática de transacionar dinheiro: "O caminho tem de ser por aqui", diz.

Pedro Cunha assume que não "chegou ao pico de 2017", porque vendeu antes, "quando a moeda rondava os 3.000 euros". Dada a volatilidade "louca" da bitcoin, garante que "é preferível estar por fora e querer entrar, do que estar lá dentro, querer largar" e ser tarde demais.

Em Portugal, a "febre" com bitcoins ainda não se compara ao que acontece noutros países. Ainda assim, o número de transações feitas tem vindo a aumentar e já ultrapassou a fasquia das 100.000 movimentações, segundo os dados da Uphold, plataforma de "trading" e conversão de moeda. ■

GOÑALO ALMEIDA

“

Em 2017, o pico da moeda foi fantástico, mas muitas pessoas quiseram entrar na onda, já a onda ia alta demais.

RUI MAGALHÃES
Investidor em bitcoin desde 2013

Quem veio para este meio para enriquecer rápido vai durar pouco no mundo das criptomoedas.

ANTÓNIO VILAÇA PACHECO
Investidor em bitcoin desde 2015

”

PRIMEIRA LINHA **UMA DÉCADA DE BITCOIN**

Elas estão a passar por aqui, mas ninguém as quer regular

Apesar do crescimento das criptomoedas, não existe qualquer entidade que as regule em Portugal e a nível europeu. O BCE diz que não é a si que cabe controlá-las. Portugal atira a responsabilidade para as entidades europeias.

GONÇALO ALMEIDA

goncaloalmeida@negocios.pt

As moedas digitais estão a bater-nos à porta. Deixem-nas entrar. Foi com esta mensagem que Tobias Adrian, diretor do departamento de mercados do Fundo Monetário Internacional (FMI), apresentou o seu estudo sobre o surgimento do dinheiro digital.

“Nos Estados Unidos da América e noutros países será apenas uma questão de tempo até vermos uma enorme disrupção”, disse Tobias Adrian, acrescentando que “existe potencial para que a nova tecnologia possa trazer um novo sistema de pagamento global em pouco tempo”.

Apesar desta abertura por parte de um membro do FMI, os principais bancos centrais do mundo têm-se mostrado céticos face ao surgimento das criptomoedas e têm advertido para o perigo que podem carregar.

Para o Banco Central Europeu (BCE), as criptomoedas não passam de “ativos especulativos” e, não sendo consideradas moedas, não existe qualquer tipo de regulação sobre elas. Mario Draghi, presidente da instituição da qual está prestes a abandonar o cargo, disse este ano à Reuters que não era trabalho do BCE regular.

Ao Negócios, o advogado associado sénior da Cuatrecasas Francisco Soares Machado acrescenta que, nesta fase, “não existe nenhuma recomendação europeia no sentido de os Estados-membros deverem necessariamente regular de forma autónoma a atividade das criptomoedas”.



Marilene Alves

Quem quer que transacione criptomoedas não precisa de autorização ou registo junto do Banco de Portugal, liderado por Carlos Costa.

Como tal, em Portugal também não se regula. Segundo a advogada Alexandra Courela, sócia da Abreu Advogados, “no que respeita às criptomoedas (...), em Portugal verifica-se um vazio legislativo, na medida em que esta matéria ainda não foi objeto de qualquer regulamentação”.

O Banco de Portugal (BdP) confirma que esta não é uma atividade regulada, nem supervisionada “por qualquer outra autoridade do sistema financeiro, nacional ou europeia”. Por enquanto, aguarda por ordens das entidades europeias.

Assim sendo, quem quer que transacione criptomoedas não precisa de autorização ou registo junto do BdP e a sua atividade não está sujeita a nenhuma supervisão.

A Comissão de Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) assume uma posição semelhante à do BdP e limita-se a advertir para os perigos que estão associados a estas moedas virtuais. Muitos deles são iguais aos que transmitiu, em 2014, a Autoridade Bancária Europeia: por exemplo, em caso de desvalorização total das moedas digitais, não existe um fundo que cubra eventuais perdas dos

seus utilizadores e o investidor pode perder o seu dinheiro na plataforma de negociação – as chamadas “exchange”.

A advogada da Abreu Advogados salienta mesmo que, “neste momento, o único país europeu com um pacote legislativo em vigor sobre criptomoedas é Malta”.

No âmbito da lei de combate ao branqueamento de capitais e ao financiamento do terrorismo, Portugal está obrigado a atualizar a sua legislação de modo a incluir certas entidades que lidam com criptomoedas (alguns “exchangers”, por exemplo), adiantou

Francisco Soares Machado. Esta será uma alteração que obrigará Portugal a atuar neste sentido até 10 de janeiro de 2020, “pelo que se esperam novidades em breve a este respeito”.

Por enquanto, o advogado associado da Cuatrecasas recomenda, primeiro, que a sociedade, como um todo, estude o fenómeno, analise os seus impactos e riscos, “e, com base neles, regule aquilo que tiver de ser regulado”, já que “seguir a via oposta é um mau princípio de política regulatória e normalmente não leva a bons resultados”. ■

Ganhos em Portugal não pagam imposto

A Autoridade Tributária não tem nenhum mecanismo para cobrar os ganhos obtidos através de transações de criptomoedas.

Em Portugal, não existe enquadramento legal que atue sobre os ganhos que os investidores obtêm com a compra e a venda de criptomoedas.

Segundo um despacho de 2016 da Autoridade Tributária (AT), em resposta a um contribuinte que solicitou informação sobre a tributação das criptomoedas, “estas moedas não são, tecnicamente, consideradas ‘moeda’ por não disporem de curso legal ou de poder liberatório em Portugal”.

No entanto, admitiu o Fisco, “as mesmas podem ser trocadas, com proveito, por moeda real (sejam euros, dólares, ou outra), junto de empresas especializadas para o efeito (...) e podem gerar diferentes tipos de rendimentos tributáveis”.

No mesmo despacho, a Autoridade Tributária analisou em que categoria se poderia tributar as criptomoedas e concluiu que não se podia alocar na categoria G, a das mais-valias, nem na categoria E, a de rendimentos de capitais. Pelo que, concluiu a AT, a única hipótese seria na categoria B, mas considera que também aí não é totalmente claro.

De acordo com a legislação em vigor, a AT estipula, assim, que “a venda de criptomoedas não é tributável face ao ordenamento fiscal português”, a não ser que “constitua uma atividade profissional ou empresarial do contribuinte, caso em que será tributada na categoria B”.

Os rendimentos desta categoria B do IRS referem-se aos rendimentos empresariais e profissionais, e são alvo de tributação em função do exercício de uma atividade e não

em função da origem do rendimento. Ou seja, se a pessoa tiver como profissão a transação de moedas digitais está obrigado a emitir uma fatura sempre que prestar esse serviço.

Segundo a advogada Alexandra Courela, sócia da Abreu Advogados, “em matéria fiscal, apenas pode haver lugar a tributação se existir uma norma de incidência nos códigos fiscais que permita à Autoridade Tributária tributar o rendimento, sendo que atualmente tal norma ainda não existe”.

Francisco Soares Machado, advogado associado sénior da Cuatrecasas, sublinha também esta ideia: “A lei apresenta naturalmente um elenco fechado de realidades cujos ganhos são tributáveis e as criptomoedas não constam expressamente nele.”

O Ministério das Finanças confirmou ao Negócios que a legislação se mantém e continua a não existir qualquer tipo de tributação. ■

GONÇALO ALMEIDA



Não existe nenhuma norma que permita à AT tributar o rendimento sobre criptomoedas.

ALEXANDRA COURELA
Advogada e sócia
da Abreu Advogados

GLOSSÁRIO

Conheça as expressões e a linguagem associada a estas moedas

Quem encara pela primeira vez o mundo das criptomoedas pode encontrar alguma dificuldade em entender expressões ou conceitos que são chave no ramo. Quem investe diz que é mais simples do que parece.

MINING

No caso do dinheiro tradicional são as instituições governamentais que decidem quando imprimir moeda. Sendo a bitcoin uma moeda independente, são os “miners” que a geram. O “mining”, ou a mineração, não é mais do que criar bitcoins, através de um software próprio instalado no computador. Qualquer pessoa pode ser um “miner” e em troca receber bitcoins. São também os “miners” que gerem as transações feitas.

BLOCKCHAIN

A “nova” estrela da segurança digital. Criada em 1991, começou a ganhar fama com o surgimento das criptomoedas, mas estende-se para além delas. É um método de segurança descentralizado à base de cadeias de blocos sequenciais - cada um com um código diferente. Uma rede aberta e acessível a todos. Quanto mais pessoas acederem, mais dispersa se torna e, portanto, mais segura. A informação, uma vez colocada num bloco, nunca mais pode ser alterada.

PEER-TO-PEER

O “whitepaper” aplicado por Satoshi Nakamoto, em outubro de 2008, tinha como título “Bitcoin: A Peer-to-Peer Electronic Cash System”. A sua entidade criadora desenhou um sistema de transações “peer-to-peer” (ponto a ponto). Ou seja, um sistema que permitisse fazer pagamentos de uma entidade para outra, sem qualquer intermediário pelo caminho. Esta é a base do funcionamento da bitcoin.

SATOSHI

Um satoshi é a menor fração de uma bitcoin. Tem oito casas decimais e a sua designação deriva do nome do criador da criptomoeda. Quando criou a moeda, Satoshi Nakamoto já previa que pudesse atingir grandes valores e, por isso, estas oito casas decimais possibilitam o acesso às transações de bitcoins, sem que seja preciso comprar uma moeda inteira.

CARTEIRA DE BITCOIN

Uma carteira de bitcoins é uma aplicação digital que funciona exatamente como uma carteira física na qual guardamos as notas e as moedas, mas com uma chave e um endereço próprios. As transações são públicas: toda a gente sabe os endereços de carteiras na transação. Apesar desta transparência, o anonimato dos intervenientes é mantido.

EXCHANGE

Há duas formas de comprar e vender bitcoins. Ou se compra diretamente a alguém através de uma troca de endereços de carteiras, ou através de uma plataforma de exchange, que cobra uma taxa pela transação. A mais conhecida e aconselhada para iniciantes na internet é a Coinbase, na qual o investidor se regista e tem à mão uma série de criptomoedas em que pode investir.



Nos EUA e noutros países será apenas uma questão de tempo até vermos uma enorme disrupção das criptomoedas.

TOBIAS ADRIAN
Diretor de mercados do FMI

No que respeita às criptomoedas (...) em Portugal verifica-se um vazio legislativo, na medida em que esta matéria ainda não foi objeto de qualquer regulamentação.

ALEXANDRA COURELA
Advogada e sócia
da Abreu Advogados

É recomendável que a sociedade queira primeiro estudar o fenómeno, analisar os seus impactos e riscos e, com base neles, regular aquilo que tiver de ser regulado.

FRANCISCO SOARES MACHADO
Advogado sénior associado
da Cuatrecasas



PRIMEIRA LINHA **UMA DÉCADA DE BITCOIN**

Do mistério do criador à fama da criptomoeda

A 31 de outubro de 2008, Satoshi Nakamoto apresentava a bitcoin ao mundo. Passados três anos, desapareceu.

GONÇALO ALMEIDA

goncaloalmeida@negocios.pt

Enquanto o sistema financeiro mundial colapsava, em 2008 – o Lehman Brothers ruíu em setembro desse ano – nascia uma moeda digital e independente que servia como alternativa ao sistema bancário tradicional: a bitcoin. O seu criador, Satoshi Nakamoto, desapareceu do mapa três anos depois de a mostrar ao mundo. Até hoje, não se sabe quem é.

A 31 de outubro de 2008, Nakamoto apresentou o documento oficial da sua invenção. Esta criptomoeda assentava à data em princípios revolucionários. Para além de as suas transações se fazerem todas de forma digital, a novidade mais distintiva estava, no entanto, no facto de excluir bancos, governos e outras instituições financeiras da equação. Nakamoto propunha uma moeda baseada num sistema “peer-to-peer” (pon-to-a-pon-to), no qual entre quem paga e quem recebe não existe intermediário.

Três meses depois, em janeiro de 2009, Satoshi Nakamoto lançou o software sobre o qual iria correr a moeda. É o início da negociação da bitcoin, tendo completado este ano uma década de transações.

Antes de desaparecer, Nakamoto defendia que a união dos participantes no mundo da bitcoin era essencial para que ela se conseguisse impor. “Se pessoas suficientes pensarem da mesma forma, teste-

munharemos uma profecia autor-realizável. Quando isso acontecer será possível desenvolver variadas aplicações para o mundo real”, disse o criador da criptomoeda, acrescentando que tinha “a certeza de que dentro de vinte anos ou haverá grande volume de transações ou nenhum volume”, escreveu num fórum sobre o assunto.

Por trás da moeda, existe um sistema de segurança, criado em 1991, chamado “blockchain”, um método que tem como principal característica a descentralização, ou seja, não permite que uma autoridade central a controle ou manipule. É feita através de sequência de blocos, com um código cada, cuja informação é imutável: uma vez na rede, não se consegue alterar a informação. No caso da bitcoin, permite saber-se, por cada um dos blocos, a identificação da carteira de origem, o valor da transferência e a identificação da carteira de destino.

O misterioso anonimato do criador

O mistério que rodeia Satoshi Nakamoto perdura até hoje. Não



O criador da bitcoin ainda é um ilustre desconhecido, apesar de ter havido quem tentasse capturar a sua identidade.

se sabe o sexo, a idade, nem sequer se é uma pessoa ou um conjunto de pessoas. O seu nome era visto com frequência em fóruns na internet sobre criptografia, mas nunca ninguém o conheceu pessoalmente. De um momento para o outro, em 2011, desapareceu e nunca mais ninguém ouviu falar dele. A partir desse dia nomeou Gavin Anderson como líder do projeto.

No entanto, têm sido apontados vários nomes como sendo o verdadeiro Nakamoto. O australiano Craig Wright assumiu-se como tal, e há provas de trocas de emails com um ex-militar dos EUA, David Kleiman, sobre uma “nova forma de dinheiro eletrónico” – no mesmo ano em que a bitcoin foi apresentada. Passados uns anos, Kleiman, que se tinha dedicado à programação depois de ter ficado paraplégico, foi assassinado em sua casa. Mas esta

associação nunca foi provada.

Apesar da sua saída de cena, Satoshi deixou ao projeto várias carteiras digitais com o total de 1 milhão de bitcoins, que até hoje se mantêm inalteradas. Agora valem quase 7 mil milhões de euros.

O ano da explosão e o medo

A partir de 2013 a bitcoin foi suscitando cada vez maior interesse, principalmente depois de várias personalidades ligadas ao mundo digital terem apoiado publicamente a moeda.

Entre a lista de entusiastas da bitcoin estão, por exemplo, o cofundador da Microsoft, Bill Gates, ou Jon McAfee, o mentor do anti-vírus McAfee.

Bill Gates, na altura em que a bitcoin começou a aparecer na ribalta, disse à Bloomberg que a criptomoeda “era excitante, porque mostra quão barato pode ser transferir dinheiro”, e assumiu

mesmo que “a bitcoin é melhor do que a moeda tradicional”.

Em 2017, a palavra bitcoin foi a segunda mais procurada no motor de busca da Google e a palavra criptomoeda aparecia nos dez primeiros lugares. O mercado de criptomoedas explodiu e surgiram centenas de novas moedas digitais. As que existiam viram o seu valor disparar.

2008

ANO DE APRESENTAÇÃO

A 31 de outubro de 2008, Satoshi Nakamoto apresentou o “paper” oficial da criptomoeda mais famosa do mundo.

2017

ANO DE EXPLOSÃO

A fama da bitcoin disparou em 2017, com a cotação da moeda a chegar quase aos 16 mil euros.

iStockphoto

A Libra do Facebook e a era das criptomoedas “estáveis”

“A natureza do dinheiro vai mudar”, apontou Benoît Coeuré, membro executivo do Banco Central Europeu, à margem da cimeira do G7, acrescentando que os bancos centrais “têm de se adaptar para conseguirem colher os seus benefícios”.

Quando Mark Zuckerberg planeou desenvolver a Libra, a moeda digital do Facebook, decidiu focar-se numa versão de criptomoedas chamada “stablecoins”. Este tipo de moeda é visto como uma ponte entre o dinheiro emitido pelos governos e as bases do mundo das criptomoedas e elimina o maior problema que as moedas digitais enfrentam: o excesso de volatilidade.

Estas “moedas estáveis” podem tomar dois caminhos: terem por base um outro ativo que lhes serve de referência, como uma moeda fiduciária, o petróleo ou o ouro; ou estarem alocadas a outra criptomoeda ou conjunto de criptomoedas.

À partida, a Libra do Facebook responderá ao primeiro caso. O valor desta moeda digital poderá vir a flutuar consoante um cabaz de moedas ainda por definir, mas David Marcus, que lidera o projeto da Libra, disse à Reuters que estava a “estudar todas as alternativas”. Segundo uma nota do Blockchain.com existem cerca de 50 “stablecoins”, sendo que apenas 26 foram já lançadas e as restantes estão

em fase de avaliação. A mais famosa é a tether, que tem por base o dólar dos EUA.

A barreira do Congresso

Perante a Comissão dos Serviços Financeiros da Câmara dos Representantes, o CEO do Facebook, Mark Zuckerberg, saiu com uma certeza: grande parte dos congressistas não “compra” o projeto da Libra.

Na audição, ficou clara a ideia de que o Congresso não confia no Facebook para lançar a Libra. Esta foi uma das ideias mais vinculadas. Consciente disso, Mark Zuckerberg disse que “enfrentamos muitos problemas nos últimos anos. Tenho a certeza de que muitas pessoas preferiam que não fosse o Facebook a propor a Libra”.

Katie Porter, deputada democrata do Congresso, questionou Zuckerberg se se comprometeria a moderar o conteúdo publicado do Facebook, mas o presidente da rede social recusou-se a assumir esse compromisso. Perante isto, Porter identificou a chave do problema: os donos do Facebook não sabem como limpar a rede social “quanto mais como controlar uma moeda”.

Para já mantém-se pouco claro sobre quem vai regular a moeda e sobre quando vai, ou se vai, sequer, ser lançado o projeto. Até lá, ainda tem um longo percurso a percorrer. ■

GONÇALO ALMEIDA



A natureza do dinheiro vai mudar e temos de nos adaptar para colher os seus benefícios.

BENOÎT COEURÉ
Membro do
Banco Central Europeu



Tenho a certeza de que muitas pessoas preferiam que não fosse o Facebook a propor a Libra.

MARK ZUCKERBERG
CEO do Facebook

TOME NOTA

O mundo das crypto para lá da bitcoin

A bitcoin abriu a porta e hoje lidera a tabela das criptomoedas mais valiosas por larga margem. No entanto, recentemente foi ultrapassada na lista das mais negociadas.

ETHEREUM

Depois da bitcoin, a ethereum é a criptomoeda mais popular. Começou a ser negociada em 2015, depois de um “crowdfunding” bem-sucedido, mas foi criada dois anos antes pelo russo Vitalik Buterin. Atualmente cada eth (a unidade da moeda digital) vale cerca de 150 euros, mas já chegou a valer quase 800.

TETHER

O valor de mercado da tether é mais de 30 vezes inferior ao da bitcoin mas o volume excedeu o da criptomoeda mais icónica pela primeira vez em abril, um registo que tem mantido desde então. Mensalmente, o volume de negociação da tether ultrapassa em 18% o da bitcoin. Cada unidade vale perto um euro.

LITECOIN

A litecoin foi criada por um antigo funcionário da Google, Charlie Lee, em 2011. Os princípios que estão por trás desta criptomoeda são os mesmos dos da bitcoin. A diferença é que é bem mais barata: cada unidade vale menos de 52 euros.

ZCASH

No mundo das criptomoedas, a zcash é a mais privada de todas. Ao contrário dos pares, nas transações desta moeda não é possível ver a origem, o destino ou a quantia transacionada. Atualmente vale cerca de 31 euros, cada unidade.

APPCOINS

É a criptomoeda portuguesa. Foi lançada no início deste ano pela Aptoide e chegou a ter um valor de mercado de cerca de 720 milhões de euros e cada unidade chegou a valer 3,2 euros. Hoje vale 3 cêntimos.

Para isto contribuiu a mediação que envolveu as criptomoedas no geral e a bitcoin em particular. Surgiu num episódio de uma das séries mais famosas do mundo “The Big Bang Theory”, foi mencionada em “The Simpsons” e a série “Mr. Robot” dedicou-lhe um episódio inteiro.

O ano de 2018, contudo, pôs travão à euforia que se viveu em 2017. Vários países, como a China, decidiram banir as criptomoedas, e dos reguladores e bancos centrais começaram a surgir os alertas sobre esta instável moeda digital. O preço da bitcoin caiu a pique e as notícias negativas iam deixando os investidores nervosos.

O ano do regresso?

Mas em 2019, as moedas digitais receberam novo impulso, devido ao surgimento do projeto da Li-

bra da “big tech” (gigante tecnológica) Facebook, voltando a pôr as criptomoedas no radar.

Além disso, recentemente, vários governos anunciaram projetos de moedas digitais, como o caso da sueca e-krona; e outros ponderam seguir-lhe os passos, como o Canadá, por exemplo.

Na China, depois de o Presidente Xi Jinping ter mandado barrar o surgimento de novas moedas e de ter colocado um ponto final nas transações, recentemente mostrou-se interessado no “blockchain” e disse mesmo que iria investir nessa tecnologia, levando a uma nova subida da bitcoin.

Com o mundo de olhos postos nelas, a mudança de ano pode assim trazer uma nova onda de entusiasmo à volta das criptomoedas em geral e da bitcoin em particular. ■

negócios

negócios.pt

Quarta-feira, 30 de outubro de 2019 | Diário | Ano XVI | N.º 4110 | € 2.50
Diretor **André Veríssimo** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

10 ANOS DE BITCOIN

A onda gigante ainda está por apanhar
O testemunho de três investidores
Ganhos continuam livres de impostos

PRIMEIRA LINHA 4 a 9



Benoit Tessier/Reuters

Negócios é Portugal

Viseu,
o concelho
que não pára
de crescer



Visabeira reclama
"uma rodovia
e ferrovia melhores"



Almeida Henriques:
"Esta obra no IP3
é um paliativo"



SAK joga no negócio
das caneleiras
personalizadas

SUPLEMENTO



Com o apoio:
Santander

Falta de medidas põe em causa futuro da ADSE

Tribunal de Contas critica inação do Governo e prevê que subsistema entre em défice já no próximo ano. Excedentes vão esgotar-se em 2026. ECONOMIA 10 e 11

Portugal perde liderança nos carros menos poluentes

EMPRESAS 14 e 15

BP defende aumento dos preços das licenças de CO2

EMPRESAS 16

Renda acessível vai ser moeda de troca para poder abrir alojamento local

HOME PAGE 2

Airbus investe 40 milhões e cria 240 empregos em Santo Tirso

Fábrica vai produzir componentes para assentos de passageiros e pilotos.

EMPRESAS 17

Publicidade

CASINO SOLVERDE PT



500 jogos online

Ambiente decide hoje aeroporto do Montijo

ÚLTIMA 32